



VICTORIA HORYZON

ELA VESTE NUVEM

Once upon a time, in a city where the sky changed colors as if it had feelings, there lived a girl with electric-blue hair, named Victoria Horyzon. She lived only with her mother — a strong woman, made of love and storms. There were days of light laughter, soft as a cloud, and days when everything turned into thunder inside their home. Her father was far away. From time to time, letters would arrive with just a few words in firm handwriting. But there was always one word they all shared: “Saudade.” Victoria read them alone. Then she would climb to the rooftop and gaze at the horizon. — “That’s where the letters come from,” she thought. — “From that deep and mysterious blue.” And it was there, one day, that she saw something different. A heart-shaped balloon floating slowly across the sky, coming from the same direction as the letters. It looked like a sign, a silent alarm of protection and exploration, as if it whispered: — “Something is waiting for you. Far away.” Victoria didn’t know what she would find. But her chest knew before her mind: it was time to leave.

She was quiet, gentle, and had a strong bond with nature. The birds trusted her. And so, one day, she committed a grave crime: she set the king’s birds free. The king cared well for the birds — he gave them fresh seeds, shelter, and affection. But he kept them in golden cages, so they would sing for him each morning. Victoria looked into their eyes and said: — “You weren’t born to sing only for a king. The open sky belongs to you.” And then, she opened all the cages. The birds stretched their wings and flew free. And that day, their flight-song was the most beautiful ever heard. — “Let the wind carry the secret.” But a servant betrayed her: — “Your Majesty... it was Victoria who freed the birds.” The world around Victoria shifted with the king’s wrath. The sky, once a mirror of emotions, now seemed covered in holograms. There was no horizon anymore. A futuristic loop — cold, calculated, and uncomfortable. Then, as she climbed the tallest building, she saw something else. A gorilla street artist, with gentle eyes and a rebellious expression, was grafting onto the concrete the image of a girl running after a balloon.

In his final act, the gorilla threw the spray can at the mural. The paint hit the balloon — and something magical happened. The balloon grew. And grew. Until it detached from the wall. It floated. Red. Impossible. Victoria, with her eyes fixed on the balloon, took off her Kanga and lassoed the balloon, clinging to the fabric. She floated naked in the sky. Gliding above the waters, she entered a state of lightness. And as always when she felt this way... she sang and danced beneath the silver moonlight. She did not realize yet, but she was drifting closer to a jungle land. Then, the gorilla reappeared — a primal leap from the invisible — and launched himself at the balloon. The impact was strong. The balloon burst — and in the same blast, the gorilla vanished with it. Victoria began to fall — but gently, as if the very air embraced her, as if she was wearing clouds. She landed softly in the open sails of a ship. On the deck, a man was waiting: “Captain Horyzon”. He said reaching out his hand. And on his arm... a tattoo the word: “saudade”. Victoria smiled. Because now she knew: the horizon had come back to find her. The End.

VICTORIA HORIZON

ELA VESTE NUVEM

Era uma vez, numa cidade onde o céu mudava de cor como se tivesse sentimentos, vivia uma menina de cabelos azul-elétrico, chamada Victoria Horizon.

Ela morava apenas com a mãe — uma mulher forte, feita de amor e tempestades.

Havia dias de riso leve como nuvem e dias em que tudo virava trovão dentro de casa.

Seu pai estava longe.

De vez em quando, chegavam cartas com poucas palavras e letras firmes.

Mas havia sempre uma palavra em comum entre todas elas:

“Saudade.”

Victoria lia sozinha. Depois, subia no telhado e olhava o horizonte.

— “É de lá que as cartas vêm,” pensava.

— “Daquele azul profundo e misterioso.”

E foi lá que, um dia, ela viu algo diferente.

Um balão em forma de coração flutuando lentamente pelo céu,

vindo da mesma direção das cartas.

Parecia um sinal,

um alarme silencioso de proteção e

exploração,

como se dissesse:

— “Há algo esperando por você. Lá longe.”

Victoria não sabia o que iria encontrar.

Mas seu peito sabia antes da mente: era hora de partir.

Ela era quieta, gentil e tinha uma ligação forte com a natureza.

Os pássaros confiavam nela.

E foi assim que, um dia, cometeu um crime grave:

ela libertou os pássaros do rei.

O rei cuidava bem das aves —

dava sementes frescas, abrigo e carinho.

Mas as mantinha em gaiolas douradas,

para ouvi-las cantar todas as manhãs.

Victoria olhou nos olhos das aves e disse:

— “Vocês não nasceram para cantar apenas para um rei. O céu aberto é de vocês.”

E então, abriu todas as gaiolas.

As aves esticaram as asas e voaram livres.

E, naquele dia, o canto com o voo delas foi o

mais bonito já ouvido.

— “Deixe que o vento leve o segredo.”

Mas uma serva a entregou:

— “Majestade... foi Victoria quem libertou os pássaros.”

O mundo ao redor de Victoria se transformou com a ira do rei boladão

O céu, antes espelho das emoções,

agora parecia coberto de hologramas.

Não havia mais horizonte.

Um looping futurista — frio, calculado e desconfortável.

Então, ao subir no prédio mais alto, ela viu algo diferente.

Um gorila pixador, de olhos doces e expressão rebelde,

gravava no concreto a imagem de uma menina correndo atrás de um balão.

Em seu ato final, o gorila lançou a lata de spray contra o mural.

A tinta acertou o balão — e algo mágico aconteceu.

O balão cresceu. E cresceu.

Até se desprender da parede.

Flutuava. Vermelho. Impossível.

Victoria, com os olhos fixos nele, tirou sua Kanga e laçou o balão, agarrando-se ao tecido.

Ela flutuava nua no céu.

Deslizando sobre as águas, entrou num estado de leveza.

E, como sempre que se sentia assim...

cantou e dançou sob a luz prateada da lua.

Ela ainda não sabia, mas estava se aproximando de uma terra de selva.

Então, o gorila reapareceu — um salto primitivo do invisível — e lançou-se contra o balão.

O impacto foi forte.

O balão estourou — e, na mesma explosão, o gorila desapareceu com ele, um último ato que o completou.

Victoria começou a cair —

mas suavemente, como se o próprio ar a acolhesse.

Pousou delicadamente nas velas abertas de um navio.

No convés, um homem a esperava.

Capitão Horizon.

Ele estendeu a mão.

E, no braço dele... uma tatuagem: saudade.

Victoria sorriu.

Porque agora ela sabia:

o horizonte tinha voltado para buscá-la.

Fim.